

***Jornalismo esportivo no
Rio Grande do Sul:
tecendo narrativas de protagonistas***

Alice Beatriz Assmann¹
Janice Zarpellon Zarpo¹
Marli Hatie¹

RESUMO

O texto objetiva, por meio da análise de fontes impressas e orais, narrar memórias de pessoas que atuaram como jornalistas esportivos no Rio Grande do Sul em meados do século XX. As primeiras gerações de jornalistas, representadas por Archymedes Fortini, Túlio De Rose e José Ferreira Amaro Júnior, não apenas publicaram reportagens sobre os esportes, mas também tiveram envolvimento como praticantes e organizadores de eventos esportivos. Corridas rústicas, competições de atletismo, entre outros, também eram promovidos para cunhar notícias. Desta forma, os jornalistas esportivos deixaram uma contribuição relevante para a memória esportiva do estado.

Palavras Chave: Jornalismo esportivo. História do esporte. Práticas esportivas.

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Submetido em: 11 dez. 2017
Aceito em: 07 mar. 2018
Contato: alice.assmann@gmail.com

Sports journalism in Rio Grande do Sul: weaving protagonist stories

ABSTRACT

The text aims, through the analysis of printed and oral sources, to narrate the memories of people who acted as sports journalists in Rio Grande do Sul in the middle of the 20th century. The first generations of journalists, represented by Archymedes Fortini, Túlio De Rose and José Ferreira Amaro Júnior, not only published reports on sports, but also had involvement as practitioners and organizers of sporting events. Rustic rides, athletics competitions, beyond others, were also promoted to produce news. In this way, the sports journalists left a relevant contribution to the state's sports memory.

Keywords: Sports journalism. History of sport. Sports practices.

Periodismo deportivo en Rio Grande do Sul: tejiendo narrativas de protagonista

RESUMEN

El texto tiene como objetivo, a través del análisis de las fuentes impresas y orales, contar los recuerdos de las personas que actuaron como periodistas deportivos en Rio Grande do Sul, en la mitad del siglo XX. Las primeras generaciones de periodistas, representados por Archymedes Fortini, Tulio De Rose y José Ferreira Amaro Jr., no sólo publicado informes sobre deportes, pero también tuvo participación como profesionales y organizadores de eventos deportivos. Razas rústicas, pruebas de atletismo, entre otros, también se promovieron para producir noticias. Así, los deportivos han dejado una contribución significativa a la memoria deportiva de lo estado.

Palabras Clave: Periodismo deportivo. Historia del deporte. Prácticas deportivas.

INTRODUÇÃO

Muitos estudos históricos utilizam jornais, também denominados periódicos esportivos, como fontes de consulta. O exercício de leitura e catalogação de reportagens de jornais como subsídios das pesquisas, permitiu aludir que os jornalistas esportivos desempenharam um papel significativo na construção do imaginário do campo esportivo sul-rio-grandense. Para além dos jornais, outras fontes coletadas, como, por exemplo, livros comemorativos de clubes esportivos e revistas, acenam à presença marcante dos jornalistas esportivos no cotidiano dos esportes porto-alegrenses. Tais informações, garimpadas ao longo dos anos, juntamente com o desenvolvimento de pesquisas sobre a História do Esporte motivaram a escrita deste artigo.

O texto objetiva, por meio da análise de fontes orais e impressas, narrar as memórias de pessoas que atuaram como jornalistas esportivos no Rio Grande do Sul em meados do século XX. De modo mais específico busca-se registrar as memórias de Archymedes Fortini, Túlio de Rose e José Ferreira Amaro Júnior.

Na perspectiva dos estudos históricos sobre o esporte, os jornalistas colocaram-se entre os historiadores. Segundo Le Goff (1990, p. 478) “cabe, com efeito, aos profissionais científicos da memória, antropólogos, historiadores, jornalistas, sociólogos, fazer da luta pela democratização da memória social um dos imperativos prioritários da sua objetividade científica”. Os textos produzidos por jornalistas oferecem à História do Esporte uma versão dos acontecimentos históricos, a qual, por meio de uma análise da enunciação e do discurso, resulta em conhecimento contextual. Tal noção do contexto permite investigar as condições sócio-históricas e culturais em determinado período, permitindo desvelar as relações sociais.

Os jornais podem ser vistos como objetos autônomos para análise por serem documentos históricos e, inclusive, “atores sociais”. Segundo Calonga (2012), a renovação das abordagens culturais redimensionou a importância da imprensa escrita, que passou a ser considerada como fonte documental, na medida em que enuncia discursos e expressões, bem como agente histórico, que intervém nos processos e episódios. Os documentos produzidos pelos jornalistas podem ser chamados de história-testemunho que, por meio do retorno do evento, oportunizou o desenvolvimento de uma história imediata (LE GOFF, 1990). Contudo, alerta Le Goff (1990), se faz necessário conhecer suas conjunturas históricas, diretrizes ideológicas, os agentes investidores, editores, entre outros, para entender como foi construída essa memória jornalística, como entrada em cena de uma opinião pública, que constrói também a sua própria memória.

A construção do percurso histórico dos jornalistas esportivos é desafiadora, na medida em que as informações acerca destes profissionais podem ser mais escassas em

relação a outros personagens do campo esportivo, como por exemplo, os atletas. Os jornalistas esportivos sul-rio-grandenses legaram uma contribuição relevante para o campo da História do Esporte, seja por meio da produção de fontes de pesquisa, pela divulgação de diversas práticas esportivas ou ainda colaborando na organização de eventos esportivos, quando não estavam também participando na condição de treinadores ou atletas amadores. Desta forma, no âmbito das pesquisas históricas e socioculturais, esses atores merecem atenção.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O estudo de cunho qualitativo caracteriza-se como uma investigação histórica. Com o intuito de alcançar o objetivo proposto, foram utilizadas fontes orais, produzidas por meio da gravação de seis entrevistas¹, as quais foram analisadas conforme a metodologia da História Oral (CORREA, 1978; ALBERTI, 2010). Esta metodologia parte da realização de “entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos e conjunturas do passado e do presente” (ALBERTI, 2010, p. 155), a fim de produzir fontes históricas passíveis de análise. Os entrevistados selecionados nesta pesquisa atuaram no jornalismo esportivo impresso do Rio Grande do Sul e assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. As entrevistas caracterizaram-se por semiestruturadas, com questões abertas sobre o fenômeno estudado. Após, foram transcritas, analisadas e cotejadas com as demais informações coletadas.

Importa ressaltar que quando recorremos aos testemunhos de pessoas que vivenciaram um passado, recorremos também às suas memórias e suas representações daquele tempo e espaço. Para Rolim, Pereira e Mazo (2013, p.169) “existe uma multiplicidade de memórias e, aceitar isso, é a melhor alternativa para uma análise mais rica dos testemunhos obtidos durante uma pesquisa”. Logo, as entrevistas são compreendidas como versões da história, sujeitas a parcialidades, lacunas, acréscimos.

Para além das fontes orais, foram coletadas fontes impressas, compostas por reportagens de jornais, revistas, almanaques esportivos. Assim como no tratamento dos depoimentos, Luca (2010) pondera sobre a complexidade da pesquisa com periódicos, tendo em vista uma produção passível de manipulação e parcialidade. Os periódicos não são portadores de verdades, mas são entendidos como instrumentos que trazem uma versão histórica do acontecido. Este instrumento, quando cruzado com as demais fontes desta pesquisa, se torna um importante meio de compreensão de um tempo passado.

¹ Jair Cunha Filho; Cláudio Dienstmann; Ernani Ramos Lage; Benito Giusti; Hiltor Mombach; Ruy Carlos Ostermann; Antônio Carlos Porto; Walter Galvani da Silveira.

Os resultados e discussões advindos do confronto e da interpretação das informações coletadas, através das fontes impressas e orais, são apresentados a seguir, buscando-se construir uma narrativa sobre as memórias de jornalistas esportivos no Rio Grande do Sul.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A imprensa esportiva do Rio Grande do Sul e, de modo especial, a difusão das práticas esportivas, deve muito aos primeiros jornalistas esportivos de que se tem notícia no Estado. Foram profissionais que assumiram a causa em nome do amor pelo esporte amador ou profissional. Giusti (1994) afirma que “a maioria das competições que se realizaram até a década de [19]70 em Porto Alegre eram promovidas pela Companhia Jornalística Caldas Júnior, sob o comando dos repórteres esportivos Túlio de Rose e Amaro Júnior”.

Outros jornalistas também desempenharam papel significativo para o desenvolvimento do esporte. Logo, os protagonistas aqui referenciados não encerram a história dos primeiros cronistas esportivos do Rio Grande do Sul. Tampouco, reverencia todos aqueles abnegados que a própria história não registrou, pois muitos dos que exerceram a profissão de jornalista esportivo eram autodidatas. Todavia, com a intenção de narrar memórias de alguns dos protagonistas da imprensa esportiva e do esporte sul-rio-grandense do século XX, destacamos, na sequência, Archymedes Fortini, Túlio de Rose e José Ferreira Amaro Júnior.

Archymedes Fortini (*28/07/1887+13/06/1973)

Archymedes Fortini nasceu na cidade de Argel, capital da Argélia, em 28 de julho de 1887, e chegou ao Brasil com dois anos de idade, instalando-se na cidade de Porto Alegre em 1889. Quando passou a residir em Porto Alegre em 1901, começou a trabalhar entregando carne e vendendo vassouras nas ruas; também foi empregado da Casa de Fumo Pavão, entre outros estabelecimentos de Porto Alegre. Em 1905, foi trabalhar como servente no extinto Jornal do Comércio, onde aprendeu a arte de tipógrafo e começou a escrever a seção esportiva, auxiliando, também, a seção comercial com relação ao movimento do porto. Depois, passou à tipografia, pois seu sonho era ser artista gráfico.

Nessa época, recém tinham sido fundados os dois primeiros clubes de futebol de Porto Alegre: o Grêmio *Football* Porto Alegrense e o *Fussball* Porto Alegre, ambos na mesma data, em 15 de setembro de 1903. As pequenas notas esportivas enviadas ao jornal Correio do Povo, quando ainda trabalhava no Jornal do Comércio, estão entre as primeiras notícias publicadas na imprensa sul-rio-grandense sobre futebol (DEVOÇÃO, 1973, p. 16). Neste jornal, Fortini, dentro do curto espaço de quatro páginas cedido pelo jornal na época, além do futebol, também noticiava acontecimentos sobre a *Deutscher Turnverein*

(Sociedade Alemã de Ginástica), atual “Sociedade Ginástica Porto Alegre, 1867”, conhecida pela sigla SOGIPA (RIVE, 1967). Devido a esta atuação foi considerado “o primeiro dos jornalistas esportivos” (HATJE, 1996, p. 35).

Após alguns anos, em 30 de setembro de 1907, Fortini foi atuar no jornal *Correio do Povo*, pertencente a Empresa Jornalística Caldas Júnior. Na época em que começou como tipógrafo do *Correio do Povo*, tinha 20 anos de idade e escrevia pequenas notas sobre futebol. Sua participação na seção esportiva do *Correio do Povo*, no início do século, foi confirmada na reportagem “Devoção à Comunidade caracterizou a longa vida de Archymedes Fortini” (DEVOÇÃO, 1973, p. 16), referente ao convite de Caldas Júnior: “foi mais tarde, quando Caldas Júnior gostou de reportagens esportivas que um ‘tipógrafo do Jornal do Comércio enviava para o *Correio do Povo*’, que lhe descobriu a vocação”. Em reportagem publicada no *Correio do Povo*, intitulada “Fortini: ontem, hoje, sempre repórter”, de Ney Gastal, Fortini recordou o início de suas atividades na imprensa esportiva:

Comecei a fazer pequenas notícias sobre o novo esporte, mas o diretor do *Jornal do Comércio* achava que o assunto não tinha importância, e não publicava. Quem se interessou pelo esporte futebolístico, entretanto, foi o fundador do [jornal] *Correio*, Caldas Júnior, que me pediu para fazer algumas notícias a respeito do mesmo. E eu redigia pequenas notas, enquanto continuava trabalhando no *Jornal do Comércio*, esperando que a promessa do Caldas Júnior, de me contratar para o *Correio* assim que abrisse uma vaga, se concretizasse (GASTAL, 01 out. 1972, p. 23).

Além da atividade no jornal, fundou o Centro Esportivo Operário, em 1908 (MAZO et al, 2012), foi sócio do clube de remo dos italianos, o *Canottieri Ducca degli Abruzzi* (MAZO; FROSI, 2008), fundado também em 1908, e acompanhou a fundação do *Sport Clube Internacional*, que ocorreu em 1909, em Porto Alegre (DIENSTMANN, 1994). Desde 1910, quando passou a trabalhar unicamente na redação do jornal ao longo de 20 anos, Fortini dirigiu a seção esportiva do jornal, cooperando decisivamente para a difusão do futebol (FORTINI, 1952). Quando completou 50 anos de atividade jornalística, em 1957, foi-lhe conferido pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre o título de “Cidadão de Porto Alegre”, como uma homenagem da cidade à qual prestou relevantes serviços.

Fortini foi trabalhar no *Correio do Povo* com a missão de preparar o noticiário esportivo, mas ao longo de seus 67 anos de carreira na empresa Caldas Júnior atuou em diferentes editorias do jornalismo. Foi, inclusive, correspondente de vários jornais nacionais e estrangeiros e autor de livros: “O Poder da Fé em Santo Antônio”, “O 75º Aniversário da Colonização Italiana do Rio Grande do Sul”; “**O Passado Através da Fotografia**” (1959); “Revivendo o Passado” (1953); e “**Histórias da Nossa História**” (1966). Apesar das outras atividades, identificava-se como repórter, o que ratificou em reportagem no *Correio do Povo*, mesmo já atuando há 37 anos no

jornalismo: "Quero ser repórter toda a vida. Não faço questão de ser outra coisa. Quero morrer como repórter. Hei de ser repórter até o último dia" (GASTAL, 1/10/1972, p. 23).

No entanto, Fortini foi muito mais que um repórter, conforme a reportagem "Devoção à Comunidade caracterizou a longa vida de Archymedes Fortini" (DEVOÇÃO, 14/6/1973), pois foi um funcionário que dedicou 67 anos de sua vida à profissão de jornalista, dos quais 65 foram vividos sem interrupção no Correio do Povo. Na época, ser jornalista significava ser igualmente boêmio, mas Fortini era considerado uma exceção no meio "e suas madrugadas ele as passava sempre na sala de redação, à espera do despacho imprevisto até que o sol de um novo dia trouxesse a voz dos jornaleiros a anunciar mais uma edição do Correio do Povo" (DEVOÇÃO, 1973, p. 16).

Na mesma matéria, consta que "Fortini era jornalista por instinto, percorrendo sempre os caminhos comuns, tornou-se o autor de muitos e muitos furos, pois aquilo que era anormalidade dentro do estritamente normal, infalivelmente representava manchete" (DEVOÇÃO, 1973, p. 16). Foi considerado um jornalista com espírito alegre e comunicativo e uma pessoa espirituosa. Escrevia muitas crônicas analisando jogos e encarava as dificuldades da profissão como uma missão do ofício. Dienstmann (1994) recorda que Fortini, junto com um repórter do jornal A Federação, acompanharam, de navio a vapor, a equipe do Grêmio *Foot-Ball* Porto Alegreense à Pelotas, em 1920, quando foi disputar com o time de futebol do Brasil de Pelotas a partida final da segunda edição do campeonato gaúcho.

Fortini, também atuou em outros setores da sociedade civil em prol das causas comunitárias. Junto com Cícero Soares, irmão do também jornalista Edmundo Fróes Soares, planejou e conduziu a construção da sede da Associação Riograndense de Imprensa (ARI), na Rua Borges de Medeiros, em Porto Alegre; incentivou e promoveu uma campanha para a criação da Varig, utilizando as páginas do Correio do Povo; fez parte, também, em 1925, da comissão de obras do Orfanato Pão dos Pobres e mobilizou a opinião pública sobre a importância desta construção através do Correio do Povo. Também auxiliou na construção da Catedral Metropolitana de Porto Alegre (HATJE, 1996). Faleceu em 13 de junho de 1973 e em seguida uma rua no Bairro Centro Histórico de Porto Alegre recebeu o nome de Jornalista Archymedes Fortini (CEP: 90050-380).

Túlio De Rose (*16/08/1900 +03/10/1981)

Túlio de Rose, repórter de expressivos jornais sul-rio-grandenses, destacou-se como grande incentivador do esporte amador. Sua relação com as práticas esportivas iniciou na infância e acompanhou sua trajetória de vida. A família De Rose está ligada à fundação, em 1908, do clube de remo dos italianos, em Porto Alegre, denominado *Canottieri Duca degli Abruzzi* (MAZO; FROSI, 2008). Neste clube, Túlio e seus irmãos dedicaram-se ao esporte mais popular na época e pelo qual o jornalista desenvolveu uma particular apreciação: o remo.

A sua amizade com o general Darci Vignoli, presidente do Grêmio Náutico União (GNU) e homem de confiança do Presidente Getúlio Vargas, permitiu que fosse convidado pela Liga de Defesa Nacional (LDN) para viajar à Alemanha e participar do Comitê Olímpico Brasileiro, como dirigente, nos Jogos Olímpicos de 1936, realizados em Berlim. No ano seguinte, em 1937, com 37 anos de idade, iniciou a sua longa carreira de repórter esportivo no jornal *Correio do Povo* e na *Folha da Tarde*, ambos da Empresa Jornalística Caldas Júnior², juntamente com Archymedes Fortini (OSTERMANN, 2001). Em 1949 passou a trabalhar na *Folha Esportiva*, sendo o único responsável pela cobertura diária de todos os esportes da cidade (OSTERMANN, 2001, p. 46). Vale mencionar que a *Folha Esportiva* começou a circular em 1936, criada como um caderno do jornal *Folha da Tarde*, de grande rotatividade na cidade de Porto Alegre. Porém, em 1949 teve sua edição realizada de forma separada, sendo vendido como um jornal especificamente esportivo, denominado *Folha da Tarde Esportiva*, publicado diariamente com cerca de 50 páginas.

Túlio de Rose trabalhou mais de 40 anos nos jornais da Caldas Júnior, empresa que o tratava com distinção: era o único repórter que tinha um carro à disposição 24 horas por dia, juntamente com o fotógrafo. Deslocava-se de clube em clube, sem deixar de passar pelas federações, todas as noites: começava na segunda-feira pela Federação Aquática, que abrangia quase todos os esportes náuticos, entidade da qual foi presidente por 16 anos; na terça-feira, era a vez da Federação de Tênis; a Federação de Hipismo ocupava-lhe às quartas-feiras; e a Federação de Tiro, às quintas-feiras. Na sexta-feira, ficava em casa preparando-se para a longa jornada do sábado e do domingo, acompanhando todas as competições da cidade (OSTERMANN, 2001).

Na redação, local onde dificilmente era encontrado, conforme Ostermann (2001), apenas em horas tardias do dia quando redigia o noticiário, dividia o espaço com outros jornalistas como Cid Pinheiro Cabral – editor e cronista esportivo, com especial atenção aos anseios do *Sport Club* Internacional – e o repórter reconhecido como o “Rei do Furo”, pois fornecia notícias inéditas e exclusivas, Edson Pires; estes eram responsáveis pelo futebol. Havia também Amaro Júnior, do basquetebol, e Hugo Schmidt, que dava uma intensa cobertura ao bolão e a bocha; os outros esportes contavam com a cobertura jornalística de Túlio de Rose, que sempre chegava à redação com mais de 30 temas diários.

Túlio de Rose destacou-se, em nível estadual e nacional, como grande incentivador do esporte amador. Também foi o idealizador, juntamente com José Carlos Daudt e o general Darci Vignoli, em 1938, da corrida de revezamento denominada “Fogo Simbólico” (ROLIM; MAZO, 2009), a qual acompanhou por mais de quatro décadas, e que segue

² A *Folha Esportiva* teve entre seus fundadores, o professor de Educação Física e jornalista José Amaro Ferreira Júnior. No início, tinha sua grande cobertura dedicada ao futebol e a alguns esportes amadores de expressão no Rio Grande do Sul, como, por exemplo, o turfe, o ciclismo e o basquetebol. Com o passar dos anos, a *Folha Esportiva* foi reintegrada à *Folha da Tarde* que, em função da falência da companhia Jornalística Caldas Júnior, acabou fechando suas portas em 1983 (HATJE, 1996; OSTERMANN, 2001).

sendo realizada até os dias atuais. Na obra "SOGIPA: 1867- 1967- Primeiro Centenário", o primeiro clube do Rio Grande do Sul, a SOGIPA, presta uma homenagem agradecendo a Túlio de Rose: “tudo aquilo que o grande jornalista proporcionou ao esporte amador do Rio Grande do Sul e, em conseqüência, a esta sociedade essencialmente amadorista. A SOGIPA diz muito obrigada ao seu sócio honorário Túlio de Rose” (RIVE, 1967, p. 30).

Em 1980, Túlio de Rose recebeu sua última homenagem: o título de “Jornalista Símbolo do Esporte Amador do Rio Grande do Sul”, da Secretaria de Cultura, Desporto e Turismo do Estado. Durante sua vida profissional, recebeu dezenas de troféus, medalhas e honrarias pelo trabalho de defesa, incentivo e divulgação do esporte amador no Rio Grande do Sul. O ex-governador do Estado, Amaral de Souza, assim se pronunciou sobre Túlio de Rose, quando soube de sua morte: “Era um trabalhador incansável, movido pela fé e pelo amor; não apenas um jornalista exemplar, mas principalmente, um dos maiores incentivadores com que contou o esporte amador do nosso Estado” (IMPrensa, 3/10/1981, p. 28).

Túlio era considerado um excelente redator de esporte, de memória privilegiada e com conhecimento de várias modalidades esportivas. Diferente da maioria dos colegas, não gostava de futebol, tendo sido dirigente e criador das federações de atletismo, basquetebol e voleibol. Galvani (1994, p. 3) destaca que Túlio de Rose era "profissional que cobria 15 a 20 esportes na área amadorística, percorrendo durante todo o dia estádios e clubes que se dedicavam ao cultivo do esporte amador no Rio Grande do Sul". A polivalência e a vitalidade de Túlio de Rose também são confirmadas por Giusti (apud Hatje 1996, p. 46), quando afirma que ele organizava os Jogos da Primavera e as provas de atletismo em Porto Alegre. E, completa: "Além de organizar os esportes, ele conseguia reunir nas manhãs de domingo centenas de pessoas, não só crianças, mas também os pais que iam torcer pelos filhos", nas corridas de carrinho de lomba. O jornalista Túlio De Rose manteve-se ao longo de sua vida ligado ao mundo do esporte e faleceu aos 81 anos de idade, no dia 3 de outubro de 1981.³

José Ferreira Amaro Júnior (*1902+30/12/1982)

José Ferreira Amaro Júnior começou como tipógrafo no jornal Colônia Portuguesa, de propriedade de seu pai. Desde então, trabalhou em muitos jornais, chegando, inclusive, a criar o jornal Sul-Esportivo. Também foi um dos fundadores da Folha da Tarde, em 1936, jornal da Empresa Jornalística Caldas Júnior. Atuou, também, como jornalista de rádio. Porto (1994) lembra que Amaro Júnior tinha um programa na Rádio Difusora, às 6 horas, onde ministrava aulas de ginástica através do rádio, a exemplo do que fez o professor Osvaldo Diniz Magalhães durante mais de duas décadas no rádio (CARVALHO, 1994). Além das aulas de ginástica pelo rádio, ele trabalhou na redação do jornal em uma época na qual o amadorismo predominava no campo esportivo sul-rio-grandense.

³ Túlio de Rose é tio do médico do Comitê Olímpico Internacional (COI), Eduardo Henrique De Rose.

Escreveu sobre esporte por mais de 40 anos, e viajou para a cobertura de campeonatos estaduais, brasileiros, sul-americanos e a Macabíada (evento esportivo), de 1973, em Israel. Mas, foi no basquetebol que Amaro Júnior teve maior participação, conforme matéria publicada no Correio do Povo, em 1982: "O referido esporte no Estado deve muito à abnegação de Amaro. Foi ele quem organizou o primeiro time no Rio Grande do Sul, pela Associação Cristã de Moços, em 1924" (MUITA DEDICAÇÃO..., 31/12/1982, p. 19). Nesta mesma reportagem consta que quando chegou ao RS, Amaro Júnior já conhecia o basquetebol: "já tinha um conhecimento do esporte. A Associação Cristã de Moços reuniu um grupo de pessoas interessadas no basquete para aprender com o professor Frank Long. Ele tinha trazido regras e material dos Estados Unidos" (MUITA DEDICAÇÃO..., 31/12/1982, p. 19). Também atuou como técnico, conquistando, em 1928, o torneio citadino de basquetebol e, no ano seguinte, o campeonato estadual de basquetebol.

Em 1930, foi treinador da seleção sul-rio-grandense, cargo que ocupou por sete anos, sendo que, no ano de 1934, o Rio Grande do Sul conquistou o título brasileiro sob seu comando. Mas, não foi somente o basquetebol que teve o incentivo do jornalista. Amaro Júnior foi o criador dos campeonatos populares, torneios em que só participavam atletas e associações que não fossem registradas em federações esportivas. Sobre este assunto, consta um depoimento de Amaro Júnior, na reportagem publicada no Correio do Povo (MUITA DEDICAÇÃO..., 31/12/1982, p. 19): "Era uma loucura, tinha atleta desde o futebol até o pingue-pongue, carrinho de lomba. Ao todo, sempre se reuniram mais de 100 clubes para as diferentes disputas." Além disso, conforme, Amaro Junior, nos "torneios revelaram-se grandes atletas como o inesquecível Tesourinha, que acabou na seleção brasileira de futebol em 1950. Ele começou a despontar nos campeonatos populares"

Galvani da Silveira (1994) descreve o ex-colega como alguém que tinha um poder fantástico de aglutinar a sociedade e realizar promoções na área do esporte. Além de incentivar o crescimento da ACM no Rio Grande do Sul, Amaro Júnior foi um dos fundadores da Associação dos Cronistas Esportivos Gaúchos (ACEG), entidade fundada em 24 de setembro de 1945, na sede da então Federação Rio Grandense de Futebol, sob a denominação original de Associação dos Cronistas Esportivos de Porto Alegre (ACEPA), com a finalidade de congrega somente os cronistas esportivos da capital.

Em 1980, Amaro Júnior também recebeu a distinção de "Jornalista Símbolo do Esporte Amador do Rio Grande do Sul", da Secretaria de Cultura, Desporto e Turismo do Estado, o mesmo recebido por seu colega Túlio de Rose. Na época, destacou: "Só larguei o esporte quando me aposentei. Agora escrevo sobre filatelia. Coleciono selos desde criança. Tenho uma série de selos esportivos" (GIUSTI, 1994; CUNHA FILHO, 1994).

Giusti (1994) e Cunha Filho (1994) reiteraram o empenho de Amaro Júnior em favor do esporte ao destacarem o jornalista como um "grande animador" de corridas rústicas e competições, um conhecedor do esporte "olímpico ao amador ao de fundo do quintal", alguém que dominava os regulamentos e elaborava provas esportivas. Os

jornalistas destacam que Amaro Júnior possuía um excelente texto e escreveu sobre esporte por mais de 40 anos. Sobre seu tempo como jornalista esportivo, a matéria publicada no Correio do Povo, “Muita dedicação em 40 anos”, conta um pouco da experiência esportiva no jornalismo, através de palavras do próprio Amaro Júnior: “Era um tempo muito diferente. Nós e mais onze companheiros fazíamos tudo. Não tínhamos horário nem carro fixo à disposição. O bonde era o nosso transporte” (MUITA DEDICAÇÃO..., 31/12/1982, p. 19). Para ele, atletas, técnicos e dirigentes esportivos, com muito esforço e abnegação, superavam dificuldades e levavam avante suas metas no esporte.

Embora, também tivesse feito reportagens sobre futebol nos 40 anos de profissão, nos últimos 15 dedicou-se exclusivamente ao esporte amador. Na reportagem “Morre o outro jornalista símbolo do esporte gaúcho”, publicada no Correio do Povo um dia após sua morte em 31 de dezembro de 1982, quando estava com 80 anos de idade, a Companhia Jornalística Caldas Júnior manifestou a importância de Amaro Júnior ao esporte amador gaúcho: “Como jornalista esportivo, seja no rádio ou na redação, Amaro Júnior acompanhou o crescimento do esporte em suas diversas modalidades. Quando ingressou na Caldas Júnior, em 1936, o amadorismo ainda conservava o seu real espírito de amor à camiseta” (MORRE..., 31/12/1982, p.19).

Dialogando com contribuições das memórias ao fenômeno esportivo

A partir das memórias dos protagonistas referidos, pode-se inferir que a mídia impressa do Rio Grande do Sul desempenhou papel fundamental na promoção e difusão de esportes. Os primeiros profissionais que assumiram as páginas esportivas eram autodidatas. Além de redigir notícias, divulgavam eventos que eles próprios organizavam ou que participavam como atletas amadores ou, ainda, treinadores. No decorrer dos anos muitos também se revelaram gestores e dirigentes do esporte.

Estes achados corroboram com Alcoba (2005), um dos principais estudiosos do jornalismo esportivo mundial. Segundo o autor (2005), as primeiras informações sobre esportes que surgiram na imprensa contavam casos curiosos comentados por aqueles que haviam presenciado um evento, especialmente aqueles promovidos pela elite econômica. O jornalismo caracterizava-se como uma atividade livre, que poderia ser realizada por pessoas sem estudos prévios para tal atividade. Alcoba (2005) ressalta que, devido à carência de especialistas na área, as notícias esportivas eram escritas por pessoas que tinham algum conhecimento, como técnicos e jogadores.

Quanto às modalidades, o futebol, que ainda ocupa boa parte do noticiário da editoria de esporte, aparecia ao lado de práticas como ciclismo, turfe, remo e natação, com proporções semelhantes em termos de espaço nos jornais destacados. Embora também existissem reportagens e entrevistas, a predominância nos primórdios do jornalismo esportivo no estado era de informações sucintas sobre os resultados das

competições. Ostermann (1994) revela que o tipo de cobertura realizada “era positivista, ou seja, o repórter dava todos os dados estatísticos. O turfe era um relato aborrecido dos páreos. As competições atléticas não fugiam à regra. [...] Não havia história da competição, história do acontecimento”. Ele segue explicando: “Não havia a discussão do assunto, uma entrevista polêmica. As matérias se resumiam numa descrição episódica, numérica e factual”.

Archymedes Fortini, Túlio de Rose e Amaro Júnior foram exemplos de “escritores aficionados a um fenómeno incipiente, portador de uma fuerza de atracción irresistible”, como destaca Alcoba (1993, p. 41). Eram profissionais que nutriam certo conhecimento e estima pelo esporte e teciam comentários e narrativas sobre o fenômeno esportivo. Um dia após o falecimento de Fortini, o Correio do Povo destacou na reportagem “Devoção à comunidade caracterizou a longa vida de Archymedes Fortini” (DEVOÇÃO, 1973, p. 16) o que compreendiam como o papel desempenhado por Fortini ao desenvolvimento da imprensa gaúcha: “com sua morte não se vai o último remanescente de uma época encerrada do jornalismo, mas um dos primeiros soldados do novo jornalismo”. Dienstmann (1994) destaca a relevância dos primeiros jornalistas e do conhecimento necessário para escrever sobre esporte: “Não precisamos ser especialistas, mas temos que ter conhecimento mínimo sobre as atividades e suas relações pra podermos acompanhar a evolução destes na sociedade”.

Com o desenvolvimento do esporte e da própria imprensa no RS, as coberturas na imprensa passaram de factuais ou circunstanciais a sequenciais ou permanentes (FREITAS FILHO, 1985). Com o surgimento de jornais especializados em esportes como, por exemplo, a Folha da Tarde Esportiva, o crescimento do número de modalidades e a realização de eventos como os Jogos Olímpicos e a Copa do Mundo de Futebol, houve mudanças significativas na estrutura da cobertura esportiva. Os jornais trataram de profissionalizar suas equipes de cobertura esportiva, concedendo ao esporte e, especialmente, ao futebol maior visibilidade (HATJE, 2000). A chamada “especialização esportiva” passou a ser evidenciada nas redações, que formavam equipes de jornalistas dedicados exclusivamente ao esporte. O jornalismo esportivo tornou-se uma das maiores expressões de informação especializada, ocupando, inclusive, mais espaço nos meios impressos e eletrônicos do que aqueles destinados a outros assuntos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através das evidências documentais e das memórias dos profissionais da imprensa sul-rio-grandense, depreende-se que as práticas esportivas foram apropriadas por jornais veiculados no início do século XX de forma assistemática, a partir de pequenas notas ou informações publicadas isoladamente. Até aproximadamente a década de 1950, os jornalistas da imprensa esportiva eram devotos das práticas, criavam e organizavam

competições para envolver e reunir a sociedade e, na sequência divulgavam os eventos pela mídia. Para, além disso, o estabelecimento de associações e entidades esportivas à época estava muito atrelado a iniciativa dos próprios jornalistas que atuavam em prol do esporte.

Em meados do século XX, evidenciou-se que os jornalistas eram atletas ou adeptos de uma prática esportiva, cuja experiência foi fundamental para adentrar a profissão. Destaca-se que grande parte das competições realizadas até a década de 1970 em Porto Alegre era promovida pela Companhia Jornalística Caldas Júnior. Mídia e esporte, desde as primeiras décadas do século XX, mantém uma relação de proximidade e desenvolvimento, e isso reflete na oferta e na divulgação das práticas esportivas.

Ao tecer as considerações finais deste estudo, pode-se inferir que as memórias das práticas esportivas na sociedade sul-rio-grandense estão atreladas à história da imprensa regional e brasileira, sobretudo, àqueles que se dedicaram a promover o fenômeno esportivo no estado. O estudo buscou apresentar versões argumentadas sobre as histórias de jornalistas esportivos que atuaram como protagonistas no cenário do Rio Grande do Sul no início do século XX. Todavia, cientes das limitações da pesquisa sugere-se que outros estudos possam aprofundar as questões aqui levantadas, como, por exemplo, pesquisas sobre a Folha da Tarde e outros jornais, ou estudos sobre as formas de publicação e apropriação de práticas esportivas específicas pela mídia impressa sul-rio-grandense e por seus jornalistas.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da história. In: PINSKI, C. (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2010. p. 23-80.

ALCOBA LOPEZ, Antonio. *Como hacer periodismo desportivo*. Madrid: Editorial Paraninfo, 1993.

_____. *Periodismo deportivo*. Madrid: SINTESIS, 2005.

BAHIA, Juarez. *Jornal, história e técnica: as técnicas do jornalismo*. São Paulo: Ática, 1990. v. 2.

CALONGA, Maurilio Dantielly. O jornal e suas representações: objeto ou fonte da História? *Comunicação & Mercado*, Dourados, v. 1, n. 2, p. 79-87, nov. 2012.

CARVALHO, Sérgio. *Hora da ginastica: resgate da obra do prof. Oswaldo Diniz Magalhaes*. Santa Maria: Ed. Universitária, 1994.

CORREA, Carlos Humberto. *História oral: teoria e técnica*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1978.

CUNHA FILHO, Jair. *Entrevista*, concedida a Marli Hatje em set. 1994.

DEVOÇÃO À COMUNIDADE CARACTERIZOU A LONGA VIDA DE ARCHYMEDES FORTINI. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 14 jun. 1973.

DIENSTMANN, Cláudio. *Entrevista*, concedida a Marli Hatje, em dez.1994.

FREITAS FILHO, Lauro. *A cobertura esportiva no rádio e no jornal*. In: DIEGUES, G. K. (Org.). *Esporte e poder*. Petrópolis: Vozes, 1985.

FORTINI, Archymedes. *O passado através da fotografia*. Porto Alegre: Grafipel, 1952.

GASTAL, Ney. Fortini: ontem, hoje, sempre repórter. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 1 out. 1972.

GALVANI, Walter. *Um século de poder: os bastidores da Caldas Júnior*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994.

GIUSTI, Benito. *Entrevista*. Concedida a Marli Hatje, em dez. 1994.

HATJE, Marli. *O jornalismo esportivo impresso do Rio Grande do Sul de 1945 a 1995: a história contada por alguns de seus protagonistas*. 1996. Dissertação (Mestrado em Ciência do Movimento Humano) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria.

_____. *Grande Imprensa: valores e ou características veiculadas por jornais brasileiros para descrever a participação da Seleção Brasileira de Futebol na Copa do Mundo de 1998 em França*. 2000. Tese (Doutorado em Ciência do Movimento Humano) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria.

IMPrensa. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 3 out. 1981.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1990.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKI, C. (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2010. p. 23-80.

MAZO, Janice Zarpellon et al. *Associações esportivas no Rio Grande do Sul: lugares e memórias*. Novo Hamburgo: Feevale, 2012.

MAZO, Janice Zarpellon; FROSI, Tiago Oviedo. Canottiere Dicca Degli Abruzzi (1908-1963): a nacionalização do “Clube de Remo dos Italianos” em Porto Alegre. *Mouseion*, v. 2, n. 3, jan./jun. 2008.

MORRE O OUTRO JORNALISTA SÍMBOLO DO ESPORTE GAÚCHO. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 30 dez. 1982.

MUITA DEDICAÇÃO EM 40 ANOS. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 31 dez. 1982.

OSTERMANN, Ruy Carlos. *Entrevista*, concedida a Marli Hatje em dez. 1994.

_____. *Hip! Hip! Hip! Hurra! União!* Porto Alegre: Cena Design, 2001.

PORTO, Antônio Carlos. *Entrevista*, concedida a Marli Hatje em out. 1994.

RIVE, M. (Coord.). *SOGIPA 1867-1967: primeiro centenário*. Porto Alegre, 1967.

ROLIM SILVA, Luis Henrique; MAZO, Janice Zarpellon. A corrida de revezamento do fogo simbólico da Pátria em Porto Alegre (1938-1947): estudo sobre a participação dos clubes esportivos. *Movimento*, Porto Alegre, v. 15, p. 11-33, 2009.

ROLIM SILVA, Luis Henrique; PEREIRA, Ester Liberato; MAZO, Janice Zarpellon O uso das fontes orais nas pesquisas em história do esporte: memórias da “Corrida do fogo simbólico”. *Cinergis*, v. 14, n. 3, ju.l/set. 2013.

SILVEIRA, Walter Galvani da. *Entrevista*, concedida a Marli Hatje em dez.1994.